

O Contributo das Histórias no Desenvolvimento de Diversas Áreas Curriculares no Pré-escolar

Sara Alexandra Lopes Calvário

Orientador: Sandra Duarte Tavares

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre de Qualificação
para a Docência em Educação Pré-escolar



Instituto Superior de Educação e Ciências

2016

Ler é sempre uma forma de viajar, quer o mediador da viagem seja um livro, uma revista, o ecrã de um computador ou de um telemóvel. O passaporte exigido para essa viagem chama-se aprender a ler.

Inês Sim - Sim

Agradecimentos

Esta parte destina-se a dar o valor merecido às pessoas que me apoiaram durante todo este percurso académico, por mim realizado, no Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar.

Aos meus pais, por todo o apoio, amor e atenção que me deram. Sem eles o meu percurso académico jamais seria possível, por todo o apoio, atenção e amor que me deram sempre.

À minha grande amiga Carla Almeida, por toda a paciência, ajuda e dedicação, por toda a amizade que me demonstrou sempre.

Ao meu namorado, por me ter pedido para não desistir quando pensei em fazê-lo.

Às minhas queridas amigas Diana Oleiro e Lúcia Simões, que foram os meus pilares nos momentos mais difíceis.

O meu obrigado a todos eles não chega!

Resumo

O presente estudo surge no âmbito do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-escolar e no decurso de um estágio curricular, tendo como tema o contributo das histórias para o desenvolvimento das diversas áreas curriculares ao nível da Educação Pré-escolar.

Pretende-se com este trabalho compreender a importância que as histórias assumem durante o desenvolvimento das diversas áreas curriculares em crianças na faixa etária entre três e quatro anos, nomeadamente a matemática, a expressão plástica, o conhecimento do Mundo.

Através da implementação e desenvolvimento de atividades dinâmicas e apelativas em torno de histórias infantis, procurou-se, através deste estudo, responder à seguinte questão: De que forma o contar histórias motiva as crianças a adquirirem novas aprendizagens sendo assim mais fácil entenderem os novos conceitos?

Atendendo aos objetivos do estudo e à questão levantada, optou-se por realizar o estudo em contexto de estágio, com um grupo de 21 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos. Nesta presente investigação é utilizado o paradigma interpretativo.

Palavras-chave: Leitura; Livro; Histórias; Criança; Áreas Curriculares

Abstract

The following case appeared in the context of a Master's degree in qualification for de pre-school teaching and during a curricular internship. The chosen topic was the contribution of stories for the development of the various curriculum areas at the level of pre-school.

The aim of this work to understand the importance that the stories take during the development of the various curricular areas in children aged between three and four years, including mathematics, artistic expression, the world of knowledge

Trought the making and development of dynamic activities around children's stories it is wanted, with this study, to answer the following question: in what way does storytelling motivate children to acquire new learnings, making it easier to understand new concepts?

Taking the study's objectives into account and the previous question, there was an option to make a study in an internship context with a group of twenty-one children with ages between three and four years. In this referred investigation the interpretative paradigm was used.

Keywords: Reading; Book; Stories; Children; Curriculum areas

Índice

1. Introdução.....	1
2. Quadro Teórico	3
2.1. A importância do livro: Contar e ler	3
2.2. Aprendizagem com histórias.....	7
2.3. A importância do educador	9
3. Problematização e Metodologia	12
3.1. Problema, objetivos e questões de investigação	12
3.2. Paradigma interpretativo.....	13
3.3. Contexto do Estudo	14
3.3.1. Caracterização do Meio.....	14
3.3.2. Caracterização do grupo.....	15
3.3.3. Caracterização e organização da sala	17
3.4. Espaço da sala importante para o estudo	18
3.5. Instrumentos de Recolha de dados	19
3.6. Tratamento e Análise de dados.....	20
3.7. Proposta de intervenção.....	21
4. Resultados	24
5. Considerações Finais / Conclusões	26
6. Referências bibliográficas	28
 Anexo 1- Planta da sala do Estudo	 31
Anexo 2- Observações diárias.....	32
Anexo 3- História “Carnaval na Floresta”.....	37
Anexo 4- História “Os meninos de todas as cores”.....	39
Anexo 5- Histórias “As palavras Mágicas”.....	41
Anexo 6- História “O menino que quer ir a França”.....	43
Anexo 7- Entrevista à educadora.....	44

1. Introdução

O presente estudo de caso surge no âmbito do curso de Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-escolar e no contexto do estágio curricular que o integra. Neste contexto, desenvolve-se como tema o contributo das histórias para o desenvolvimento das diversas áreas curriculares em crianças do pré-escolar, ou seja, procurou-se analisar e compreender qual a importância que as histórias assumem no desenvolvimento global da criança.

Assumindo as histórias um papel de destaque na educação pré-escolar, como é referenciado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, cabe ao educador criar condições materiais e humanas de acesso ao livro e às histórias.

Por meio de livros e de histórias, procuramos dar a conhecer à criança novas aprendizagens, levando as crianças a entender melhor as outras áreas através da sua imaginação.

O estudo irá ser compreendido através de observações feitas em local de estágio de modo a esclarecer algumas questões fundamentais, será então constituído através de notas retiradas no estágio e entrevista feita à educadora.

Como problema principal para o seguinte estudo de caso foi como o contar histórias motiva as crianças a adquirirem novas aprendizagens sendo assim mais fácil entenderem os novos conceitos. Assim, como forma de iniciarmos este estudo fez-se uma clara observação de como era dispostos as rotinas das crianças e de que forma poderíamos colocar novas atividades dentro do que já era exigido pelo colégio.

Este trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: na introdução é apresentada uma referência ao contexto geral, identifica-se a área em estudo, contextualiza-se e identifica-se a problemática e apresentam-se os objetivos gerais; No capítulo 2 é feito o quadro teórico onde estão inseridos os temas que identificam todo o trabalho tais como: A importância do livro: contar e ler, a aprendizagem com histórias e a importância do educador; No capítulo 3 apresenta-se a problematização e metodologia

onde se identifica o problema, objetivos e questões de investigação, o paradigma e o contexto de estudo onde estão inseridos a caracterização do grupo e organização da sala. No mesmo capítulo, estão identificados os instrumentos de recolha de dados (observações diárias, entrevista feita à educadora), o tratamento de dados e a proposta de intervenção. No capítulo 4 temos os resultados, no capítulo 5 encontra-se as considerações finais/conclusões e por fim no capítulo 6 estão identificadas as referências bibliográficas e os anexos.

2. Quadro Teórico

As Orientações Curriculares para a educação pré-escolar (1997) indicam como um dos domínios da área de expressão/ comunicação a linguagem oral. A aquisição e a aprendizagem da linguagem têm tido até à atualidade uma importância crucial na educação pré-escolar.

2.1. A importância do livro: Contar e ler

A aquisição da linguagem é fundamental para o desenvolvimento da criança, assim deve dar-se o reconhecimento merecido a esta área da educação, tal como Albuquerque (2000) afirma que “A aquisição da língua materna é, sem dúvida, o acto mais significativo da nossa aprendizagem da primeira infância, e talvez de toda a vida.” (p.13) também Sim-Sim (2008), declara que “proporcionar, no jardim de infância, ambientes linguisticamente estimulantes e interagir verbalmente com cada criança são as duas vias complementares” (p. 12) e Sim-Sim (2008) salienta ainda que “(...) os ambientes em que as crianças se encontram desempenham um papel marcante na estimulação do desenvolvimento da capacidade de comunicar, é fundamental a criação de oportunidades onde elas possam descrever, discutir, formular hipóteses e sínteses sobre o real que experimentam” (p.34).

É certo que a maior parte das crianças antes de entrar para o jardim-de-infância já usufruiu da experiência de brincar com as palavras, quer em contacto com a família, quer com outras crianças, Albuquerque (2000) diz também que “Logo que temos a linguagem à nossa disposição obtemos uma chave que irá abrir muitas portas.” (p.13) Ou seja, as crianças ao adquirirem esta parte importante do seu desenvolvimento conseguem adquirir novos meios para se expressarem. Claramente que algumas em contexto de escola aprendem de cor cada página de um livro de que gostam, sendo capazes de a “contar” para outras crianças, tal como Marques (1988) que afirma também que “convém ter presente que o contar histórias pode ser uma actividade estimuladora da aquisição de competências literárias pelas crianças pequenas” (p. 43) e Bamberger (1995) afirma também que “leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem” (p.13) ouvir, contar e inventar histórias prepara-as para a aprendizagem da leitura, quando recontam uma história (mesmo que seja de forma errada) estão a aprender como podem expressar as suas ideias, trabalhando assim a sua forma de expressar oralmente,

Abramovich (1993) salienta que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo” (p.16).

No entanto, deve-se ter em conta a seleção dos livros que colocamos à disposição das crianças, os quais devem ser interessantes, significativos e adequados à sua faixa etária é também importante adquirir uma seleção de vários tipos de livros porque não são apenas os livros de histórias que têm essa forma das crianças se exprimirem, também os livros de poemas, rimas, lengalengas, canções e até desenhos que tenham feito em contexto de sala, podem estimular a criança para o prazer da leitura. Efetivamente os livros devem dar às crianças a possibilidade de dar asas à sua imaginação, permitindo assim que estes consigam sonhar. Esta situação é confirmada pela autora Traça (1998) quando refere que “Ler, ler o que quer que seja, é sempre fazer apelo à imaginação” (p. 78)

Desta forma, poder proporcionar às crianças o contacto com o livro é certamente fomentar o gosto pela leitura ajudando também a organizar o seu mundo interior e, assim, crescerem de forma equilibrada, alargando a perceção do mundo. O livro deve fazer parte da vida da criança, deve-se dar hipótese da criança poder escolher aquilo que quer ler, mas a função do educador é também proporcionar hábitos ligados à sua aprendizagem, pois assim irá fomentar no seu desenvolvimento características ligadas à leitura, e isso fará com que a criança possa ter mais curiosidade em manusear os livros e a querer ler e de certa forma estas leituras podem levar ao encontro de novas áreas, colocando o contexto da aprendizagem numa diversidade, tal como diz Abramovich (1997) “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal tudo pode nascer dum texto.” (p.23) desta forma e concordando com o que autor diz, demonstra-se que a arte de ler pode ajudar as crianças a crescer a nível geral, ou seja levando através da leitura e do livro, as crianças a saber mais sobre as restantes áreas também importantes para o seu desenvolvimento.

Deste modo, o livro tem um papel significativo no desenvolvimento da criança, pois para além da função didática que se atribui ao livro, este ajuda a criança a desenvolver-se em diferentes áreas importantes para a sua vida futura. Ler uma história a uma criança, o que quer que seja, é apelar à imaginação e “aumenta as hipóteses de as transformar em bons leitores” (Traça, p. 116)

Quem conta histórias deve recorrer a diversas formas de as contar, ou seja, deve recorrer a expressões, a mudanças de voz, a recursos diferentes, cantadas, ilustradas, com a ajuda de um livro ou até mesmo com desenhos feitos pelas crianças. Ao ouvir histórias que a interesse a criança pode começar a desenvolver a sua personalidade, ou seja, através de um conto é possível levar a criança a desenvolver a sua personalidade mas ainda assim ajuda-a a recorrer a soluções que possam surgir futuramente tal como Bettelheim (1996) afirma, “enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança” (p.20).

Ouvir histórias é uma forma de sentir emoções importantes como: a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras. Abramovich (1995) diz-nos que “é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve... (p.17). Ao ouvir aquilo que é contado nas histórias a criança pode começar a interpretar o mundo que a rodeia de forma diferente, começando a questionar certas curiosidades que são obtidas com o passar dos dias e com o próprio crescimento. O mesmo autor afirma também que [...] é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos nos vivemos e atravessamos (p.17)

Ouvir contar e ler histórias ajuda a criança a desenvolver todo o potencial crítico. É poder pensar, duvidar, questionar-se, sentir-se inquieto, querer saber mais e melhor ou, perceber que se pode mudar de ideias. É importante ler a história várias vezes e estar bem familiarizado com cada parágrafo para não perder “o fio à meada”. Procurar viver a história, envolver-se com ela, fazer parte dela e sentir a emoção das personagens, faz com que quem ouve, se sinta parte dela, Bettelheim (2006) refere que “Para que uma história possa prender verdadeiramente a atenção de uma criança, é preciso que ela a distraia e desperte a sua curiosidade” (p.11) Ao ler-se uma história, deve-se falar com

espontaneidade e evidenciar o mais relevante, com gestos e variações de voz, em função de cada personagem e cada nova situação. Isto irá permitir, a quem está a ouvir, interferir e participar na mesma. Através das histórias, podemos contribuir para que as crianças consigam tomar atenção e entenderem melhor certas aprendizagens ajudando também a que estas despertem o interesse pela leitura.

Certamente que este processo de utilizar palavras soltas irá ajudá-las a que no jardim-de-infância consigam ouvir e aprender novas palavras e por conseguinte saber utilizá-las melhor no seu meio. O ler, ouvir e inventar histórias poderá evidentemente fazer com que o seu progresso de utilização de palavras vá desenvolvendo mais, ajudando a criança a conseguir aprender a formular frases e a ter conversas mais extensas com outras pessoas e crianças, as histórias são uma das formas mais criativas de se poder ensinar uma criança a elaborar esse discurso. “Quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara os sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas típicos da infância como medos, sentimentos de inveja, de carinho, curiosidade, dor, perda, entre outros. Salientando assim, que a partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar as suas experiências da vida real.” (Traça, p. 119,120). O uso de história poderá também fazer com que as crianças comecem a entender mais facilmente as aprendizagens de diferentes conteúdos, por exemplo para a matemática poderá começar-se com uma história que envolva números e sólidos e de seguida partir em busca de atividades dinâmicas que ajudem a completar esta aprendizagem.

2.2. Aprendizagem com histórias

Segundo Abramovich (1997) quando a criança ouve histórias, passa a visualizar de forma mais clara os sentimentos que tem em relação ao mundo. As histórias desenvolvem questões existentes na infância e que muitas vezes não entendem bem o que são. Deste modo, ao explorar histórias a criança irá conseguir perceber e esclarecer certos sentimentos e emoções que lhe vão surgindo e como deverá agir em diferentes contextos.

Assim como refere Abramovich (1997), “É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...” (p.17)

Assim, na vida da criança é constante a sua evolução, e para que exista esse desenvolvimento é necessário atravessar várias etapas distintas, ou seja, deve-se começar por trabalhar com as crianças a sua linguagem, ou seja, elaborando atividades que contemplem não só a língua portuguesa, mas que tentem fazer com que o uso de histórias vá ao encontro das restantes áreas, por exemplo, se estamos a trabalhar os sólidos geométricos escolhemos uma história que fale neste tema e de seguida tentamos que eles façam atividades sobre o tema, torna-se assim uma forma das crianças poderem vir a entender e a desenvolver melhor a sua expressão oral por norma, a expressão oral é um meio da oralidade, saber expressar significa que é capaz de comunicar oralmente, tal como afirma Sim-Sim “Através da expressão oral transmitimos mensagens, manifestamos sentimentos, relatamos o que observamos ou pensamos, convencemos os outros e envolvemo-nos socialmente.”

De acordo com as orientações curriculares educação pré-escolar (1997) “a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida...” (p.15) deste modo com as histórias podemos ajudar a criança a desenvolver esta etapa primordial do seu crescimento pois através das histórias podemos levar a criança de encontro as restantes áreas curriculares importantes para a educação pré-escolar, assim referindo novamente as orientações curriculares da educação pré-escolar (1997) “(...) sendo complementar a acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança...” (p.15)

Através das histórias pode-se levar a criança a tomar consciência de novas aprendizagens, ajudando de forma mais motivadora a criança a relacionar-se com a matemática, com o conhecimento do mundo, com a expressão plástica, entre outras áreas fundamentais para o seu desenvolvimento.

2.3. A importância do educador

É essencial que o educador contribua para o desenvolvimento das funções básicas das crianças, e por isso, é importante que o ato de contar e ler histórias seja um estímulo para que a criança possa desenvolver essas mesmas funções. Sim-Sim et.al, (2008) “A interação diária com o educador de infância é uma fonte inesgotável de estímulos para a criança. É muito importante que o educador tenha consciência de que é um modelo, de que há muitas palavras que são ouvidas pela primeira vez ditas pelo educador, que há regras de estrutura e uso da língua que são sedimentadas na sala de Jardim-de-infância.” (p.27).

Uma das formas de a criança receber esses estímulos é a forma como o educador pode contar a história, ou seja, o educador deve recriar de forma dinâmica a história demonstrando à criança diversas palavras e novas aprendizagens de forma dinâmica, como Traça (1998) declara “Contar histórias é, antes dos mais, uma arte da distração, que tem como objectivo primordial o prazer do ouvinte.” (p. 136)

Este desenvolvimento deve ter em conta também como participantes, os pais (família) de forma que em conjunto se consiga promover o sucesso da criança. Uma forma do educador ajudar a família a incorporar nesta ajuda é na ajuda da escolha do livro, pois deve-se ter em conta o nível etário das crianças.

É certamente nas áreas destinadas à leitura que o educador deve colocar à disposição da criança variados tipos de leitura, tais como, dicionários, revistas, jornais, catálogos, entre outros. A criança terá, assim, a possibilidade de perceber que existem formas diversas de poder ler.

O papel do educador é atualmente mais complexo e muito mais exigente do que no tempo em que se pretendia que ele fosse apenas um competente e eficaz transmissor de conhecimentos. O educador ajuda a colaborar na formação dos cidadãos, pois serão estes que irão construir a sociedade em que vivem. Este é como um modelo para as crianças para que estas consigam desenvolver a sua autonomia nos primeiros anos de vida, será na escola que vão aprender determinadas competências. Ser educador/professor atualmente é ter consciência, flexibilidade e sensibilidade para saber lidar com as diferenças, ajudando o aluno/criança a desenvolver o saber. Segundo as Orientações Curriculares (1997) “(...) ao estabelecer algumas aprendizagens essenciais a realizar durante a educação pré-escolar para que cada criança possa continuar a aprender ao longo da vida

“tendo em vista a plena inserção na sociedade como ser autónomo livre e solidário”(p.15), convém lembrar que estas aprendizagens se situam num processo em construção, que está intimamente relacionado com o tipo e a qualidade de experiência de vida em grupo que são proporcionados no jardim-de-infância e com o modo como são abordados os diferentes conteúdos e organizadas.”

Cabe ao educador levar a conhecer diferentes experiências além do livro, facultando às crianças diversos tipo de leituras, tais como, revistas, jornais, catálogos, enciclopédias, de forma que estas comecem a ter cada vez mais interesse pela leitura. Segundo Traça (1998) “Contar histórias é, antes dos mais, uma arte da distração, que tem como objectivo primordial o prazer do ouvinte.” (p.136)

É neste âmbito que as histórias têm um papel fulcral para este tipo de educação, pois, as crianças aprendem a respeitar o outro (área de formação pessoal e social), conhecem outras perspetivas de vida (área do conhecimento do mundo) e estimula-se a linguagem (área de expressão e comunicação – domínio da linguagem oral e abordagem à escrita).

Conforme referem as metas curriculares “No final da educação pré-escolar, espera-se que as crianças mobilizem um conjunto de conhecimentos linguísticos determinantes na aprendizagem da linguagem escrita e no sucesso escolar. Pela sua importância, salientam-se a capacidade de interacção verbal, a consciência fonológica e a manifestação de comportamentos emergentes de leitura e de escrita.” É através da leitura que se começa a ter contato com o mundo em que viemos e o mundo imaginário. Ao ensinar as crianças deve-se ter em conta a forma de como lemos, de modo que a criança consiga sentir-se atraída pelo mundo dos livros. Segundo Cardoso et al (2007) “O ato de ler proporciona a descoberta do mundo da leitura, um mundo totalmente novo e fascinante.

Entretanto, a sua apresentação à criança deve ser feita de forma atrativa, estabelecendo uma visão prazerosa sobre a mesma, de modo que se torne um hábito contínuo.” É assim importante, para nós enquanto profissionais, proporcionar experiencias diversificadas, para que o contato com o livro seja frequente, ajudando a criança a adquirir o gosto pela leitura e contribuindo assim para o sucesso nas diversas áreas. Será neste contorno que as histórias têm um papel essencial para este tipo de educação, pois, através das histórias o educador consegue que as crianças aprendam a respeitar o outro (área de formação pessoal e social), conhecem outras perspetivas de vida

(área do conhecimento do mundo) e estimula-se a linguagem (área de expressão e comunicação – domínio da linguagem oral). O educador tem também que saber incorporar as aprendizagens com atividades dinâmicas e que ajudem a criança a perceber o Mundo que terá de enfrentar no futuro.

3. Problematização e Metodologia

3.1. Problema, objetivos e questões de investigação

O intuito desta investigação é a importância das histórias para o desenvolvimento das restantes áreas curriculares no contexto do pré-escolar, desta forma com a observação e o contacto com o grupo pode perceber-se que a ligação que o grupo tinha com os livros e histórias na sua rotina era quase nula. No entanto das poucas vezes que se introduziam as histórias as crianças mostravam um grande interesse pela atividade. Estes entendiam perfeitamente que quando estavam em grande grupo para ouvir uma história teriam de estar em silêncio e ouvir atentamente aquilo que era contado. Tal como se pode ver nas orientações curriculares para o Pré-Escolar (1997) “Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades...” (p.25)

Assim, através da leitura de histórias/contos as crianças podiam aprender não só a desenvolver a expressão oral mas também a interiorizar novas aprendizagens tais como, a matemática e a expressão plástica. Pois o modo como seria utilizado as histórias ajudaria a promover novos conhecimentos mas de forma mais facilitadora não colocando as crianças numa posição cansativa quando comparada com outras formas de ensinar novos conteúdos.

Em conclusão, o problema que originou este estudo de investigação foi o facto de não utilizarem o contar histórias como uma ferramenta importante para a aprendizagem de novas áreas curriculares (matemática, ciências, expressões) e ainda ajudar a desenvolver a expressão oral de cada uma das crianças que compunham o grupo da sala. Para poder evidenciar este método, decidiu-se que as histórias estariam sempre dentro de uma nova atividade, envolvendo sempre a criança a clarificar a história para depois poder entender as novas aprendizagens que iriam ser fomentadas após essa leitura.

Desse problema mencionado anteriormente seguiu-se uma questão chave para a investigação: De que forma contar histórias motiva as crianças a aprender novos conteúdos?

3.2. Paradigma interpretativo

Quando queremos realizar uma investigação, existem algumas ações que devemos ter em conta, que estão relacionadas com a finalidade a que esta propõe. Uma dessas opções é o paradigma que devemos situar, neste presente trabalho será o paradigma interpretativo, pois toda a investigação será desenvolvida na observação feita, no ponto de vista recolhido pela entrevista e pela elaboração de atividades ao grupo escolhido assim, começamos por fazer uma investigação com base na observação determinando o nosso problema e de que forma este poderá vir a ser resolvido, devemos também ter em atenção as rotinas para que consigamos depois introduzir aquilo que queremos solucionar, o espaço sala, o grupo em geral, toda esta observação é bastante importante pois ajuda-nos a estabelecer ideias para o nosso estudo fazendo com que elaboremos todo um potencial de situações que queremos intervir, tal como Bogdan & Biklen (1994) afirmam “ O investigador tem de observar organização para escolher quais os locais, grupos ou programas que proporcionam agrupamentos realizáveis.” (p.91) Com base nesta observação podemos perceber que a matemática e a expressão plástica eram as principais áreas trabalhadas nesta instituição o que fazia o português a ser um pouco esquecido. Ainda assim, existia um espaço que seria utilizado para o português mas que a educadora não deixava ser utilizado livremente.

O paradigma em questão seria então o paradigma interpretativo com base na observação. Nesta ação pretendemos elaborar de que forma as histórias irão motivar as crianças com novas aprendizagens e desenvolvendo a sua expressão oral.

3.3. Contexto do Estudo

3.3.1. Caracterização do Meio

O colégio situa-se em Lisboa, encontra-se numa zona muito movimentada e central, está muito perto da estação de comboios e metro, tem também autocarros muito perto. É assim um colégio que se encontra numa zona de fácil acesso quer para ir de carro ou de transportes.

A sua área encontra-se também um hospital, uma central de rede expressos, além da estação de comboios com comboios urbanos, regionais e de longo curso, encontra-se a carris também perto e a zona de táxis.

O colégio está perto também do jardim zoológico de Lisboa. Na parte sul do colégio encontra-se a praça de Espanha onde está localizado o Museu Calouste Gulbenkian assim como outras zonas fundamentais para a educação e está também rodeado de espaços verdes e onde é possível passear com as crianças.

3.3.2. Caracterização do grupo

O grupo é constituído por 21 crianças, das quais 13 têm 4 anos e 8 com 3 anos, o grupo já se conhece de anos anteriores o que facilita o trabalho em grupo, o convívio com a educadora titular e educadora de apoio também já vem de anos anteriores o que ajuda bastante a convivência na sala.

São crianças bastante dinâmicas, com vontade de aprender e com forte capacidade de comunicação, sabem interagir uns com os outros, a linguagem que adquiriram é bastante evoluída para a sua idade na maioria das crianças, as crianças de 3 anos são realmente as que necessitam ainda de algum acompanhamento, mas o grupo é bastante evoluído e demonstra estar motivado para aprender. Relativamente às atividades, este grupo interessa-se logo pelas que têm mais a ver com colagem e pintura, explorando e mostrando a criatividade de cada um. No início notava-se mais que as crianças de 3 anos ainda necessitavam de alguma orientação relativamente a trabalhos mais elaborados mas com o tempo notou-se bastante a melhoria e o seu desenvolvimento, já as crianças de 4 anos era notória a evolução pois sabiam quando solicitados responder às questões colocadas pelas educadoras e maioritariamente de forma correta, o comportamento era por vezes um problema mas quando chamados à razão as crianças sabiam respeitar. As crianças, maioritariamente têm uma forte capacidade comunicar com os adultos, mostrando que o seu desenvolvimento oral está apto a ser trabalho satisfatoriamente, tratando sempre as educadoras por você. O grupo no geral sabe que deve pedir autorização para sair da sala ou para beber água, sabendo que quando se está a ouvir uma explicação do que vão fazer não deve interromper.

Nesta instituição as crianças sentem bem-estar por estarem no colégio e verifica-se que existe um clima de segurança e bem-estar com os adultos e o meio em que estão tal como as orientações curriculares, (1997) afirmam: “É também objectivo da educação pré-escolar: Proporcionar ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e colectiva.” Este grupo apresenta todas as condições de bem-estar mostrando que se sentem valorizados e amados neste ambiente educativo. As orientações curriculares para o pré-escolar demonstram também que “Na educação pré-escolar, o grupo proporciona o contexto imediato de interacção social e de relação entre adultos e crianças e entre crianças que constitui a base do processo educativo.”(pp 34 e 35)

É um grupo que adora que contem história e apesar de a educadora não contar muitas assim que surge a oportunidade as crianças conseguem manter-se em silêncio durante toda a história e mostram-se sempre curiosas ao que irá acontecer. É também um grupo que gosta de atividade que sejam de caráter artístico e façam com que eles cortem ou coletem imagens e objetos que sejam do agrado deles, é um grupo bastante motivador e interessado em aprender.

3.3.3. Caracterização e organização da sala

Através de observação e de uma conversa com a educadora, que consegui obter dados característicos da sala onde observei, assim percebi que aquele espaço foi dividido por áreas, tais como a área da casinha, área da garagem, área dos jogos, área dos livros e área de trabalho, de forma que as crianças compreendem-se onde deviam brincar e onde era para trabalhar. A educadora titular assim como a educadora de apoio tentaram dividir desta forma para que as crianças estabelecessem logo as ligações de que cada espaço serve para brincar e outro para trabalhar, mas que fosse fácil de perceber onde se encontrava cada área.



Figura 1.- Sala dos 3/4 anos

“Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender”.

(in Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, pág. 37)

Todas as crianças entendem bem o funcionamento da sala por esta se encontrar assim dividida, esta divisão facilita bastante o conhecimento do espaço para as crianças e para quem entra na sala.

A sala foi sendo modificada pois a área dos jogos encontrava-se muito próxima da área da casinha e isso fazia com que as crianças colocassem objetos dentro do armário dos jogos.

“A reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação do espaço e as potencialidades educativas dos materiais permite que a sua organização vá sendo modificada de acordo com as necessidades e evolução do grupo.”

(in Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, pág. 38)

3.4. Espaço da sala importante para o estudo

Área da Leitura: É uma área pequena, estando apenas uma estante com livros, as crianças por norma, não utilizavam muito o espaço, exceto quando a educadora assim o exigia. As crianças só utilizam os livros se estiverem sentados e nunca devem levar um dos livros para outra área. As crianças cansavam-se muito facilmente quando estavam nesta área, talvez porque não havia um hábito adquirido para que aqui estivessem. Esta área era fundamental para que as crianças tivessem o seu primeiro contacto com os livros, desta forma, ao longo da investigação conseguiu-se promover esta área elaborando novos livros, colocando uma caixa onde as crianças poderiam colocar os seus livros escolhidos juntamente com a família, promovendo assim o contacto com a família e o seu envolvimento nesta aprendizagem.

3.5. Instrumentos de Recolha de dados

No decorrer deste período de observação direta que foi realizado durante toda a prática de ensino supervisionada, surgiu-nos um objetivo de estudo que seria perceber de que forma conseguiríamos motivar as crianças a adquirirem novos conceitos através da leitura de histórias.

Para obtermos dados, foi importante observar novamente todo o meio que estávamos inseridas. Assim permitia a qualquer observador obter informações importantes e reais, conseguindo analisar e entender para que pudesse depois usufruir da recolha. Foi assim importante todas as notas (anexo 2) retiradas em contexto de estágio e a entrevista realizada à educadora.

Quivy & Campenhout (1998), entendem que a observação é uma etapa intermédia entre a construção de conceitos e das hipóteses a serem definidas e a análise dos dados utilizados para as testar. Assim, podemos referir que a observação é o principal de qualquer investigação pois deve ser realizada para que antes de se colocarem as ideias consigamos perceber se estas irão estar colocadas corretamente o serão desnecessárias para o contexto de estudo.

Nas observações escritas que estão inseridas no anexo 2, estão descritos todos os comportamentos que observamos durante a introdução das histórias e os diferentes contextos que estas nos levavam, assim como o que as crianças iriam sugerindo e questionando durante essa introdução.

Já com a entrevista à educadora (anexo 7), foi outro recurso de recolha de dados, pois através dessa entrevista, conseguimos entender como era a ideia da educadora relativamente às histórias e como estas seriam importantes para o desenvolvimento das crianças.

3.6. Tratamento e Análise de dados

O tratamento e análise de dados recolhidos durante a investigação, tais como a entrevista e as observações escritas) servem para organizar a informação que se foi recolhendo ao longo do estudo, dando assim resposta à questão elaborada no início da investigação.

Tal como afirmam Bogdan & Biklen (1994) “ A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, notas de campos e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.” (p.205)

Deste modo, as observações foram feitas durante vários dias, onde escolhemos diferentes histórias de forma a conseguir introduzir diversas aprendizagens, estas observações são assim uma forma de nos auxiliarmos quando formos analisar todos os dados que necessitamos para interpretar o estudo. A entrevista à educadora cooperante, ajudou-nos a entender as rotinas e de que forma poderíamos introduzir novas atividades que fossem enriquecedoras para novas aprendizagens.

O tratamento de dados é assim importante para conseguirmos estabelecer uma relação fiável com os nossos resultados. Bogdan & Biklen (1994) afirmam também que “... a tarefa de interpretar e tornar compreensíveis os materiais recolhidos, parece ser monumental quando alguém se envolve num primeiro projecto de investigação.” (p.205) sendo assim a forma mais clara de demonstrar aquilo que recolhemos ao longo de todo o projeto.

3.7. Proposta de intervenção

Deste modo, é apresentada uma proposta de intervenção que se poderia ter realizado no seguimento do tema de histórias poder-se-ia levar as crianças a motivarem-se para a aprendizagem de novos conceitos.

Assim, as histórias são extremamente importantes para desenvolver na criança o raciocínio, a imaginação, o respeito pelos outros e a sua criatividade. Assim sendo, a proposta de intervenção que se propõe realizar ajuda a criar um ambiente agradável à criança e poderá ajudar nas futuras aprendizagens integrando um conjunto variado de atividades com abordagem a diferentes áreas de conteúdo. Desta forma, todas as atividades serão compostas por histórias que irão ser o lançamento do tema, assim através da história as crianças poderão trabalhar o tema que queremos abordar e entender melhor o que será proposto.

Após a análise da entrevista feita à educadora da sala dos 3 e 4 anos, no início do estudo feito no colégio pude verificar que o significado que o livro tem para a educadora é “O livro é uma maneira de transpor a vida das crianças para a realidade. Nos livros as crianças identificam-se nas mais diversas histórias. Também podem ser uma maneira de imaginarem e criarem situações e vivências” ou seja, a educadora acha que os livros proporcionam “Criatividade, imaginação, pensar mais além do real”. Quando perguntei se existia uma área para essas funções a educadora respondeu “Sim. Uma estante com livros, para as crianças lerem e outra com livros de histórias que as crianças podem consultar de vez em quando esses livros” essa estante tem apenas duas prateleiras e os livros só podem ser consultados quando a educadora autoriza.

Uma das minhas preocupações para este estudo foi o facto de o grupo onde estava inserida ser um grupo que ansiava pelo conto de histórias e nesta sala em particular nunca haver um dia ou mesmo uma hora definida para esta prática, sendo o contacto com os livros quase inexistente. Assim sendo, e tendo em conta que a educação pré-escolar deve proporcionar às crianças oportunidades de leituras variadas, sendo estas, histórias ou outras, não esquecendo que todos os profissionais de educação devem ter consciência do quanto estas permitem à criança sonhar, propor também que a aprendizagem de novos temas fosse composto por histórias criativas que explorassem esse lado criativo das crianças mas também que fomentasse a aprendizagem de novos conhecimentos. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar (1997), as crianças de Jardim-

de-infância estão “Numa idade em que ainda se servem muitas vezes do imaginário para superar lacunas de compreensão do real, importa que o educador de pré-escolar proporcione situações de distinção entre o real e o imaginário e forneça suportes que permitam desenvolver a imaginação criativa como procura e descoberta de soluções e explorações dos diferentes “mundos” (p. 57)

Foi visível que apesar de ser proposto este estudo e de se ter conseguido fazer, houve várias situações que não mudaram, por exemplo a hora definida para a leitura não foi autorizada pois a educadora achou que enquanto a estagiária o fizesse tudo bem, mas que ela não o faria pois a temática mais importante para ela era a matemática e não a leitura. Assim sendo, elaborei também o projeto “A Caixa da Leitura” onde estabelecia a ligação da leitura com a família, ou seja, o projeto baseava-se em cada criança trazer de casa um livro que mais gostasse, com a ajuda dos pais, escolhiam, traziam e colocavam na caixa que estava disposta perto do armário dos livros (cantinho da leitura) de forma que todas as semanas conseguíssemos ler um, a criança em conjunto com a educadora (estagiária) lia para os colegas o seu conteúdo (observando as imagens do livro) e no fim faríamos um pequeno desenho acerca do mesmo. Este pequeno projeto ajudou a que as crianças conseguissem falar em frente dos seus colegas e também conseguissem mostrar entusiasmo e mostrar que sabiam “ler”, a maioria das crianças gostava principalmente de fazer passar-se por educadora, pois a maioria tentou imitar os gestos e os sons que eram característicos quando uma das educadoras contava uma história, era também importante começar cada história pela capa para que as crianças percebessem que todos os livros tinham um título e um desenho que iria dar a entender o que poderia ser falado no interior do livro, foi engraçado que a maioria das crianças não entendia que o título era o nome da história, no final de cada apresentação as crianças gostavam também de dar a ordem de cada criança poder fazer o desenho da história contada que pode demonstrar como a experiência tinha sido bastante positiva e engraçada para todos.

Com esta experiência, conseguimos observar que as crianças entendiam muito melhor uma nova aprendizagem quando esta era falada através de um livro/história, temos o exemplo da história “O menino que queria ir a França” através desta história as crianças puderam perceber os monumentos que existiam no país e de que cor era a bandeira do mesmo, sendo depois mais fácil para eles passarem para papel tudo o que tinham aprendido.

Em suma, cabe ao educador promover meios para que as crianças consigam ter espaços reservados para a leitura em sala e que dentro das rotinas consigam inserir formas motivadoras para inserir conceitos através de histórias que apelem à imaginação da criança e que ajudem a trabalhar as suas capacidades, relacionando com outras áreas.

4. Resultados

A criança só irá desenvolver-se na sua plenitude, quando consegue interagir com outros intervenientes e com outras formas diversas de aprendizagens que não sejam sempre as tradicionais. Os intervenientes do processo educativo das crianças são os seus modelos, ou seja, os pais, as educadoras, outros adultos da instituição e até nós, estagiárias que as acompanhamos durante o seu desenvolvimento.

Quando iniciei o meu estudo de caso fiquei um pouco apreensiva pois pensei que as atividades como estava a tentar implementar poderiam não ter o efeito desejável pois as crianças não tinham hábitos de leitura o que fazia com que o seu desenvolvimento oral fosse apenas aquele que tinham em plena conversa com a educadora titular e a de apoio.

Ao formular estas atividades tentei que fossem todas levadas para que iniciassem um tema, ou seja, a maioria das histórias foram executadas de forma a esclarecerem novas aprendizagens.

Consequentemente, estas histórias fizeram com que as crianças começassem a trabalhar mais a fala e a forma como se dizem certas palavras corretamente, por exemplo, perceberam como dizer o R na palavra Rato e no nome Renato, entenderam também que existem várias línguas e que por isso deve-se aprender o inglês por ser universal. As histórias levaram também as crianças a aprender novas atividades, tais como de que forma são as bandeiras e que cores têm, sabendo depois reconhecer através de imagens que bandeira era e a que país pertencia. O facto de a maioria das atividades tentar falar de temas, tais como, os países ajudou que as crianças tomassem mais atenção aquilo que era ensinado e percebendo também melhor certos pontos importantes que se fossem apenas falados sem imagens e sem ser de uma forma criativa podiam ser um pouco monótonos e saturantes para a idade e para as crianças que tínhamos em sala.

Assim, as leituras selecionadas que originaram as atividades propostas tinham como objetivo manter o interesse das crianças e mostrar que de uma forma lúdica, podemos aprender, transmitir sentimentos, emoções, cooperar em grupo e que com diversos materiais podemos construir e partilhar ideias, mesmo que estas partam das suas vivências.

Pode também contribuir para que o desenvolvimento oral fosse mais claro e que o trabalho nalguma linguagem fosse mais desenvolvido assim como a clarificação de ideias reproduzidas das histórias.

Para tal, existiram momentos de discussão em que as crianças puderam partilhar comigo algumas das suas experiências e conhecimentos relativos ao tema tratado, mostrando também que as atividades que eram desenvolvidas de seguida podiam clarificar a ideia das histórias anteriormente foram contadas, tendo estas como base as Orientações Curriculares, indicando que o “Tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, pressupõe que também estes saberes deverão ser tidos em conta e que a educação pré-escolar não os pode ignorar.” (pág. 80)

Evidentemente, o grupo teve o papel principal neste estudo, pois através da relação estagiária-grupo e as histórias que inseria-se para aprenderem, este grupo era muito interessado e cumpriam sempre o que era pedido, querendo sempre aprender mais e mais.

Em relação ao tema do estudo, creio ter sido alcançado o objetivo inicialmente definido, pois além de ter incorporado as histórias como uma rotina nesta sala, consegui trabalhar o desenvolvimento oral das crianças, assim como, levar as crianças a tomar a iniciativa de ler, e de quererem sempre mais leituras que introduzissem novos temas.

A meu ver, as histórias contadas com fantoches criavam muito mais expectativa que as histórias contadas através de livros. Entendi também que a mudança de tom da voz consoante as personagens tornavam muito mais real aquilo que sentiam as crianças, percebi também que as crianças gostavam quando eram elas a escolher o livro e a contar a história tentando seguir os modelos das educadoras.

Foi interessante o facto de as crianças saberem no fim já identificar a capa e o título no livro que iria ser lido, formulando expressões como “As letras maiores são o título” ou “pela imagem a capa é esta...” as crianças compreenderam também que através das histórias podíamos aprender diversas coisas.

Resumidamente, a maior limitação que tive foi o tempo, como o colégio tinha diversas atividades extracurriculares no horário que me era definido (período da manhã) prejudicou o facto de não ter conseguido inserir mais histórias e mais atividades que inserissem o tema pretendido neste estudo.

5. Considerações Finais / Conclusões

Desde sempre que se contam histórias de forma a transmitirem-se experiências e passar conhecimentos às gerações futuras. Logo podemos afirmar que contar histórias pode ser traduzido como uma arte.

Na atualidade, as nossas crianças permanecem cada vez mais tempo fechadas em instituições educacionais e assim pode-se dizer que a literatura infantil introduz de forma mais dinâmica conhecimentos para as crianças. Os educadores podem assim explorar e conhecer os aspetos históricos, literários e culturais e adequarem essas obras lidas para o aproveitamento e alfabetização das crianças, criando assim um espaço em sala que ajude a explorar esse tipo de conhecimento.

Podemos assim concluir que os livros de histórias para a infância, ainda que de forma simbólica, ajudam a criança a desenvolver o seu mundo, como também a compreender o seu mundo exterior e interior, desenvolvendo assim capacidades que muitas vezes não adquirem sem ser com a imaginação e emoções vividas através das histórias.

Consideramos que a leitura de histórias não tem como função ensinar, mas sim ajudar a preencher espaços de forma indireta e dinâmica, é o caso de, através da imaginação e das enormes potencialidades da linguagem, a criança consegue iniciar a estruturação do seu pensamento e a formação da sua personalidade.

Ao iniciar este estudo de caso, pudemos observar que o grupo não tinha grande proximidade com os livros de histórias e assim, ao interpretar as rotinas e atividades nesta sala, pude perceber que o meu estudo deveria ser adequado à leitura e tentar de alguma forma levar as crianças a preencher a sua imaginação com histórias aprendendo de outras formas, ou seja, tentamos promover de forma dinâmica o uso de histórias adequando-as a novos temas que tinham de ser inseridos durante o ano letivo. Ao inserir a atividade da caixa de leitura pude também tentar que as crianças com os pais conseguissem iniciar a relação de escolha de livro juntos e criar assim laços familiares mais fortes.

Pode-se dizer que esta relação com os livros melhorou significativamente, pois as crianças conseguiram aprender na mesma as aprendizagens que deveriam ser impostas mas de formas mais lúdicas, contudo nem sempre foi possível porque o tempo nem sempre ajudava-nos a concluir e a introduzir todos os temas.

Relativamente às atividades seguidas das histórias pude perceber que as crianças conseguiram entender mais facilmente, por exemplo, como eram as bandeiras dos

diversos países pois após a leitura das histórias conseguiram concluir o tema e desenvolver a sua atividade de forma positiva.

Estas atividades foram estruturadas de forma a motivar as crianças e a que estas conseguissem adquirir o gosto pela história/leitura e o gosto de manusear os livros. Portanto ao longo de todo o estudo de caso, as minhas limitações foram o tempo e o facto de a educadora nem sempre aceitar aquilo que eu proponha para introdução do tema e atividades, facto que com o passar do tempo consegui ultrapassar pois a educadora mais para o final concordou em ser eu a elaborar as atividades já que eu tinha apenas as manhãs para fazer.

Contudo, apesar destas limitações, foi possível concluir a atividade da caixa que ajudou a envolver as crianças e fez também com que as crianças participassem mais no contexto de contarem histórias aos colegas e ainda assim estarem a desenvolver oral e também desenvolverem emocionalmente.

Assim, consciente que este tipo de atividades é verdadeiramente importante para as crianças no pré-escolar, pretendo futuramente na minha prática desenvolver e aprender mais acerca de contar histórias e explorar esse campo no contexto de sala, de forma a proporcionar aprendizagens enriquecedoras e didáticas não só para as crianças, que necessitam de estímulos novos para aprenderem, mas também tentar através disso, envolver os pais de forma que estes consigam entusiasmar-se cada vez mais com o meio escolar dos filhos e que as crianças sintam que os pais estão envolvidos neste tipo de atividades.

Concluindo, este estudo de caso, pudemos constatar que a maioria das minhas expectativas foram superadas e que as minhas atividades (histórias escolhidas e finalização dessas histórias) foram interpretadas de forma correta e as aprendizagens que deveriam ter sido ultrapassadas foram muito positivas e exploradas de forma consciente e foram sempre ultrapassadas de forma muito positiva o que fez perceber que futuramente irei pensar seriamente em utilizá-las com outros grupos e quem sabe vir a partilhar ideias com outros educadores.

6. Referências bibliográficas

Abramovich, F. (1993). *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scippicione.

Abramovich, F. (1997) *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices*. São Paulo: Scippicione.

Albuquerque, F. (2000). *A hora do conto*. Lisboa: Editorial Teorema.

Bamberger, R. (1995). *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Abril.

Bettelheim, B. (2006). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria de métodos*. Porto Editora

Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Casalis, A. (2007). *O Rato Renato: Porta-se Mal*. Porto: ASA.

Casalis, A. (2008). *O Rato Renato: Não quer ir à escola*. Porto: ASA

Coelho, N, N. (2002). *Literatura infantil*. Teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna

Mata, L. (1999). Literacia – O papel da família na sua apreensão In *Análise psicológica*

Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita*. Lisboa: ME-DGIDC.

Mesquita, A. (2006). Como formar jovens leitores? (pós-graduação em pdf). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: Departamento de Letras, Portugal.

Ministério da Educação (1997). *Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa:

Editorial ME-DEB.

Piaget, J. (1994). *O Juízo moral na criança*. Tradução Elzon L. 2. Ed São Paulo: Summus.

Pires, D. (2000). Livro... eterno livro..." In *Releitura*. Belo Horizonte: Moderna.

Quivy, R. & Campenhout, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Editora: Gradiva. 4ª Edição.

Rodari, G. (1993). *Gramática da Fantasia*. Lisboa: Caminho.

Sim-Sim, I. (2008). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Sim-Sim, I. et.al (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância*, Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Sim-Sim, I. (2009). *O ensino da leitura: A decifração*. Lisboa: Ministério da educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

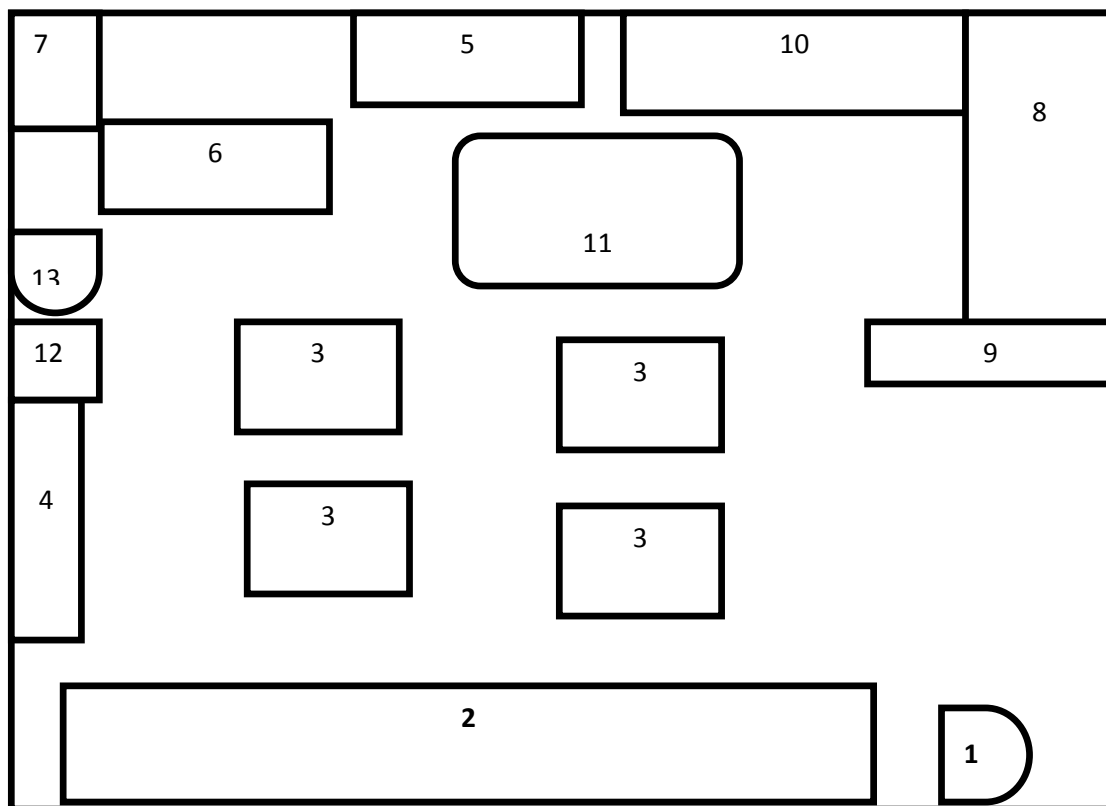
Traça, M. E. (1998). *O fio da memória: do conto popular ao conto para crianças*. Porto Editora.

UNESCO (2005). *Educação para todos*. São Paulo: Editora Moderna.

Vasconcelos, T. (2005). *Ao Redor da Mesa Grande*, A prática educativa de Ana. Porto Editora.

Anexos

Anexo 1 - Planta da sala do estudo



- 1- Porta da sala;
- 2- Armário, com folhas, lápis, tintas, cola, tesouras, e restantes materiais;
- 3- Área das mesas de trabalho;
- 4- Lavatório;
- 5- Garagem;
- 6- Mesa multifuncional;
- 7- Computador e gavetas de arrumações;
- 8- Área da Casinha;
- 9- Área dos livros;
- 10- Área dos Jogos;
- 11- Área do Tapete;
- 12- Cantinho do Desenho;
- 13- Porta para o recreio.

Anexo 2 – Observações/anotações diárias

Dia 9 de Fevereiro de 2015- Pintura e Montagem da “Caixa da Leitura”

Esta atividade tinha como principal objetivo ajudar as crianças a perceber que tinham feito algo para colocar na sala onde poderiam colocar os seus livros favoritos trazidos de casa, com a colaboração dos pais poderiam escolher o livro que era do gosto de ambos.

Seria uma forma de a família se sentir valorizada na aprendizagem da crianças e seria também uma forma de motivar a criança a escolher, manusear e ver livros que apreciasse com os seus colegas, fazendo com que trabalhassem não só o conhecimento oral da criança mas também a sua formação pessoal e social.

Em grande grupo decidimos de que cor seria a caixa da leitura e onde colocaríamos a mesma, de seguida as crianças sugeriram que fosse de azul e que tivesse letras na tampa, em concordância com elas sugeri que as letras fossem o título da caixa. A caixa teve como título “A caixa da Leitura” as crianças ajudaram-me a colar a folha com o título e depois escolhemos o sítio para colocar a caixa, esta ficou perto da estante dos livros de forma que ficasse junto do cantinho da leitura.

Dia 10 de Fevereiro de 2015 – História sobre o Carnaval “O Carnaval na floresta.” – (Anexo 3)

Neste dia o tema que iríamos introduzir era o do Carnaval, a educadora titular disse que deveria introduzir já o tema para termos tempo suficiente para trabalhar tudo o que queríamos sobre o Carnaval, assim sendo, elaborei uma história que fizessem entender o que poderíamos fazer no carnaval e que importância tinha este tema. A história mostrava como o carnaval poderia fazer com que todos fossem diferentes mas que ainda assim deveriam entender que as diferenças eram sinal de amizade e não de ignorância.

No fim desta história falei um pouco com as crianças para que estas conseguissem entender o que se iria passar de seguida, ou seja, que na sexta-feira tinham de vir mascarados do que quisessem e que iríamos executar uma máscara de carnaval, cada criança teria a oportunidade de fazer a máscara da maneira que quisesse.

O objetivo desta história era conseguir levar a criança a entender a contagem e facilitar a aprendizagem da mesma,

Dia 11 de Fevereiro de 2015 – História “Todos no Sofá” – Trabalhar os números até 10

Este livro tinha como principal ponto a introduzir os vários animais, o que fazia com que as próprias crianças comesçassem a contar e a perceber a dinâmica dos números. Como as crianças de 4 anos já sabiam a maioria dos números e as crianças de 3 anos estavam a iniciar essa aprendizagem então, como forma de ajudar e facilitar essa aprendizagem pensei em levar a história “Todos no Sofá” de forma que as crianças conseguissem entender melhor o seguimento dos números. Foi uma história bastante interessante e todas as crianças participaram durante a leitura, dizendo os números consoante era a altura que necessária.

Tentei manter uma linguagem motivadora e que fizesse as crianças entenderem bem o que era pretendido na história. No final perguntei às crianças o que falava a história e a maioria conseguiu explicar o tema, e contar até.

Dia 3 de Março de 2015 – História “Os meninos de todas as cores” – Tema multiculturalidade (anexo 4)

Durante uma das minhas observações pude perceber que as crianças não entendiam o porquê de existirem meninos de cores diferentes, e como o tema era os “Países Europeus” achei por bem levar um livro que demonstrasse as diferenças entre as pessoas mas que nem assim era bom deixar essas pessoas de parte, o livro ajuda as crianças a perceberem o porque de sermos diferentes mas que ainda assim é bom ser diferente.

Após a leitura da história perguntei novamente de que cores podiam ser as pessoas e o que essas cores podiam significar, trabalhamos assim a multiculturalidade e a ligação das cores a objetos. Foi um dia bastante interessante pois no final as crianças puderam com a minha ajuda elaborar um desenho e pintar os bonecos consoante as cores que estavam na história.

Dia 10 de Março de 2015 - História “As Palavras mágicas” trabalhar as boas maneiras. (anexo 5)

Uma das questões que mais vezes observei foi o facto da maioria das crianças nem sequer dizer por favor ou obrigado, por isso, decidi elaborar uma história que faria com que as crianças percebessem que deviam pedir educadamente as coisas ou mesmo saber dizer os bons dias ou boas tardes aos pais e educadores. Assim a história refletia a formação Pessoal e Social da criança esta tinha como objetivo ajudar as crianças a preencher uma flor que estava colada no placar cada pétala teria um desenho característico da Palavra Mágica que estava a ser utilizada durante a história.

As crianças entenderam bem a história e tentaram sempre encontrar as palavras mágicas durante a mesma, para poderem colocar as pétalas, todos começaram também a pedir por favor e a agradecer sempre que deviam.

Dia 16 de Março de 2015 – História “Eu e o meu Papá” – trabalhar o dia do Pai

Neste dia a educadora cooperante tinha-me pedido que trouxesse uma história que envolvesse a questão do dia do pai, as crianças sabiam que ia fazer uma prenda para o pai mas não entendiam muito bem o porquê. Assim, decidi escolher a história “Eu e o meu Papá” de forma que as crianças percebessem a importância de dar amor e também recebê-lo, todas as crianças entenderam a história e no fim até quiseram saber o que poderiam fazer para os pais.

Falamos um pouco da capa do livro e houve logo a questão de um ser maior e o outro mais pequeno, expliquem que era normal os pais serem maiores que os filhos e depois levei cada criança a identificar o seu pai de forma que descreve-se as suas qualidades e aparência.

No fim todas as crianças fizeram a caixa para os botões de pulso para os pais e escreveram um postal juntamente com um adulto de forma a registar-se tudo o que as crianças quisessem dizer aos pais, fazendo depois um desenho.

Dia 7 de Abril de 2015 - Leitura de uma história retirada da caixa de Leitura “Sapatinhos Vermelhos”

Neste dia, consegui a oportunidade de ter uma hora sem atividades preparadas e escolhi uma das meninas para ir buscar um dos livros que tinha colocado na caixa, preferi que neste dia conseguisse observar todo o processo que a criança tinha ao retirar o seu livro e sentar-se a ler para os outros.

Esta menina pediu apenas para ajudar caso ela não conseguisse explicar a imagem, a história foi então contada por ambas e todos os seus colegas entenderam a história, no final fizeram um pequeno desenho da menina de sapatinhos vermelhos e guardaram no seu cacifo.

Dia 27 de Abril de 2015 – História “Mamã a que sabem os beijos?” – Trabalhar o dia da Mãe

Nesta semana íamos trabalhar o dia da mãe, então para inserir o tema escolhemos a história “Mamã a que sabem os beijos?” a história falava numa mãe e num filho e o filho passava a história toda a perguntar de que cor eram os beijos e a mamã explicava todos com as cores do arco iris, esta história fez com que as crianças percebessem o sentido do significado de cada beijo e que todos devem demonstrar carinho.

De seguida, expliquei como faríamos o postal para a mãe e todos perceberam que teriam de dizer palavras para a educadora escrever nesse postal. A maioria das crianças quis mandar beijinhos da cor da história e nesse sentido mostrou que a maioria entendeu bastante bem a história e o porquê de festejarmos o dia da mãe.

No final tínhamos um postal, onde estava o nome da mãe da criança e dentro estava um pequeno marcador com uma frase dita pela criança e com uma flor pintada por eles, esse postal servia para ir junto do livro de receitas que também iria ser oferecido pelas crianças.

Dia 11 de Maio de 2015 – História “O menino que quer ir a França” – Introdução ao tema de França (anexo 6)

Para introduzir o tema de França, preferi escrever uma história levar uns fantoches alusivos ao tema e conseguir executar esse conto de forma dinâmica e divertida para que as crianças entendessem bem que monumentos seriam importantes de falar e que tipo de informações eram mais importantes de retirarem da história.

A história falava acerca da torre Eiffel, do arco do triunfo, da bandeira e das respectivas cores, etc. no final as crianças entenderam todos os monumentos que se encontram em França e que iríamos elaborar em sala.

Dia 25 de Maio de 2015 - História “O Rato Renato Porta-se Mal.” – Introdução do tema sobre as crianças deverem ouvir os pais.

Por norma, as crianças da sala onde decorreu a utilização deste processo são crianças que sabem comportar-se muito bem em sala, mas quando vêm de fim-de-semana, o comportamento altera-se piorando significativamente à segunda-feira, assim após conversar com a educadora acerca desse comportamento, decidi inserir a leitura de um livro onde demonstrava o mau comportamento de um rato e explicava tudo o que os pais deveriam fazer. As crianças a partir dessa leitura começaram a pensar nalgumas birras e comportamentos insatisfatórios que tinham e no final falamos nalguns que surgiam em sala de aula, de forma que estes não fossem repetidos.

Esta história deu também para trabalhar a pronúncia do R com as crianças muitas têm dificuldade em dizer essa letra e assim com a leitura da história as crianças interpretaram as palavras que tinham esta letra e tentaram dizê-la corretamente.

Dia 1 de Junho de 2015 – História “O Rato Renato não quer ir à escola” – Tema escolhido porque uma das crianças não queria ir para o colégio.

Desde do início do estudo de caso que vim a observar que algumas crianças ficavam facilmente na escola sem que os pais tivessem problemas em deixa-los com as educadoras. Mas nos últimos dias pude comprovar que uma das meninas começou a não querer largar os pais quando chegava ao colégio e após alguma informação entendi que esta estava a começar a ter ciúmes do irmão bebé que tinha nascido há pouco tempo. Assim após reunir-me com a educadora e perguntar se achava que a leitura do livro “O Rato Renato não quer ir à escola” ajudava a introduzir o tema, fiz a leitura e tentei que todos entendessem a importância de se ir ao colégio, os amigos que tinham, os professores que ensinavam imensas coisas novas, etc.

Nesse dia, a menina que tinha esse pequeno problema de ciúmes, chegou ao pé de mim e deu-me um abraço dizendo que gostava muito de mim, o vocabulário da criança cresceu pois esta era uma menina que tentava não demonstrar aquilo que sentia.

No final desta introdução, reunimos novamente de forma a verificarmos quais as características que tinham sido melhoradas e questioneei a educadora através de uma entrevista a importância deste método para ela e pude perceber que apesar, da educadora achar muito importante que as crianças usufruam deste momento de leitura, não se pode verificar durante todo o ano letivo devido à falta de tempo que possa existir no colégio que estava inserida.

Anexo 3 – História Carnaval na Floresta

Carnaval na Floresta

Era uma vez um guarda da floresta, que gostava muito do carnaval.

Um dia teve uma ideia:

- Vou fazer uma festa de carnaval, mando convites a todos os animais mas estes tinham de vir todos mascarados para o baile.

Quando o caracol recebeu o convite pensou:

- Como vou eu me mascarar? – Enquanto caminhava devagarinho, encontrou uma borboleta, que lhe disse:

- Olá Caracol, também recebes-te o convite do baile de que vais mascarar?

O caracol respondeu:

- A minha roupa é a minha casa, e esta não posso tirar para vestir outra e tu também não, querida borboleta!

A borboleta muito vaidosa disse:

- Mas nem me queiras comparar contigo, não vês as minhas asas tão lindas, nem preciso de me mascarar basta ir como eu sou. Mas claro que tu que não és bonito como eu tens de te disfarçar.

O caracol muito zangado respondeu:

- Deixa-me sua convencida! Irei ao baile como eu quiser e nem tu nem ninguém tem nada a ver com isso!

Por sorte passou um duende naquele sítio onde estava o caracol e ao ver o caracol tão triste perguntou:

- Que se passa, querido amigo?

O caracol contou tudo o que se passava e no fim disse:

- Não me consigo disfarçar logo não vou ao baile.

O duende muito confiante disse:

- Não penses que não vais... eu tive uma ideia e vou ajudar-te a ficar tão lindo como o sol!

O duende foi buscar uma lata de tinta amarela e um pincel e começou a pintar a casa do caracol, quando terminou o caracol estava lindo, com uma casa amarela às costas, o caracol viu o seu reflexo no lago e disse:

- Oh! Que belo que estou, assim já posso ir ao baile! Obrigado querido amigo duende...

Quando estava perto de começar o baile, já todos estavam no lugar incluindo a borboleta que para disfarce colocou apenas uma coroa e ficou mascarada de rainha, todos olhavam para a beleza da borboleta, mas de repente chega o caracol e todos ficaram espantados com a beleza deste todos exclamaram:

- Caracol pareces um verdadeiro sol!

Anexo 4 – Meninos de Todas as cores

Meninos de todas as cores

Era uma vez um menino branco chamado Miguel, que vivia numa terra de meninos brancos e dizia:

É bom ser branco
 Porque é branco o açúcar, tão doce,
 Porque é branco o leite, tão saboroso,
 Porque é branca a neve, tão linda.

Mas certo dia o menino partiu numa grande viagem e chegou a uma terra onde todos os meninos eram amarelos. Arranjou uma amiga chamada Flor de Lótus, que, como todos os meninos amarelos, dizia:

É bom ser amarelo
 Porque é amarelo o Sol
 E amarelo o girassol
 Mais a areia da praia.

O menino branco meteu-se num barco para continuar a sua viagem e parou numa terra onde todos os meninos são pretos. Fez-se amigo de um pequeno caçador chamado Lumumba que, como os outros meninos pretos, dizia:

É bom ser preto
 Como a noite
 Preto como as azeitonas
 Preto como as estradas que nos levam para
 Toda a parte.

O menino branco entrou depois num avião, que só parou numa terra onde todos os meninos são vermelhos.

Escolheu para brincar aos índios um menino chamado Pena de Águia. E o menino vermelho dizia:

É bom ser vermelho
Da cor das fogueiras
Da cor das cerejas
E da cor do sangue bem encarnado

O menino branco foi correndo mundo até uma terra onde todos os meninos são castanhos. Aí fazia corridas de camelo com um menino chamado Ali-Babá, que dizia:

É bom ser castanho
Como a terra do chão
Os troncos das árvores
É tão bom ser castanho como um chocolate.

Quando o menino voltou à sua terra de meninos brancos, dizia:

É bom ser branco como o açúcar
Amarelo como o Sol
Preto como as estradas
Vermelho como as fogueiras
Castanho da cor do chocolate

Enquanto, na escola, os meninos brancos pintavam em folhas brancas desenhos de meninos brancos, ele fazia desenhos com meninos sorridentes de todas as cores.

Anexo 5 – As Palavras Mágicas

As Palavras Mágicas

Era uma vez um Mundo onde as pessoas eram muito mal-humoradas e andavam sempre tristes.

Nesse Mundo vivia o Lucas, o Lucas era diferente das outras pessoas, porque o Lucas era um menino que estava sempre muito contente e gostava de fazer os outros felizes.

Um dia o Lucas decidiu que podia ajudar as pessoas a serem felizes, e o remédio seria:

AS PALAVRAS MÁGICAS

Um dia o Lucas encontrou-se com um menino que estava com uma cara muito zangada, então o Lucas disse:

- BOM DIA, precisas de ajuda?

Assim que Lucas disse a palavra mágica BOM DIA a cara do menino modificou-se para um sorriso enorme.

Quando ia a passar na sua trotinete encontrou uma menina que tinha o cabelo ruivo e notou que esta também tinha uma cara bastante triste.

O Lucas olhou para a menina e perguntou:

- Está um dia tão bonito, queres vir brincar?

A menina hesitou, mas assim que o Lucas disse: POR FAVOR! – a menina fez um sorriso e foi brincar com o Lucas.

Ao brincarem o Lucas sem querer magoou-a no braço mas logo disse : DESCULPA!

Depois de verificar que o braço estava a sangrar o menino perguntou-lhe: QUERES AJUDA? E a menina muito sorridente respondeu: - Estou bem obrigado.

Mais tarde, a mãe do Lucas precisou que este lhe fizesse um recado. Ao chegar à loja, a porta estava encostada. O Lucas abriu-a e disse:

- COM LICENÇA!

Logo se abriram dois grandes sorrisos na cara dos donos, quando o Lucas entrou na loja e os cumprimentou, dizendo:

-BOA TARDE!

Pedi o que queria e logo que ficou despachado respondeu:

- OBRIGADO!

Era de noite, hora de dormir. O dia do Lucas tinha chegado ao fim e ele foi-se deitar na sua bela caminha. Mas antes deu um beijinho à mãe e disse:

-BOA NOITE!

O MUNDO é muito mais feliz se formos educados e soubermos dizer as PALAVRAS MÁGICAS!

Anexo 6 – O Menino que quer ir a França

O Menino que quer ir a França.

Era uma vez um menino chamado Manuel que tinha o sonho de ir até França.

Um dia os pais decidiram, dar como presento de anos, uma viagem até França, o Manuel ficou tão feliz que começou logo a preparar a viagem.

Primeiro começou por saber como era a bandeira de França, viu as cores da bandeira, o azul e o vermelho muito bonitos que estavam na bandeira de França. Depois pesquisou todos os lugares importantes e principais do País, descobriu que a torre Eiffel era enorme e muito forte, por isso decidiu que tinha de passar por lá, depois descobriu o museu do Louvre, percebeu que nesse museu tinham vários quadros importantes e bastante bonitos, verificou que a Mona Lisa de Leonardo da Vinci estava lá e decidiu que também iria passar por lá para visitar.

- Uau!!! – Disse o Manuel – vou ter imensos sítios para visitar. Mas onde poderei comer?

- Então - disse a mãe de Manuel- deve haver lá imensos locais com croissants fantásticos que possamos comer e saborear.

- Croissants? – Perguntou o Manuel.

A mãe de Manuel começou a explicar que os croissants eram maravilhosos em França e que existiriam com certeza diversos locais com disponibilidade para eles provarem.

Manuel estava desejoso de iniciar a sua viagem, então começou a colocar a sua roupa na mala, as folhas com todos os locais importantes para levar tudo no dia seguinte.

Quando chegou à manhã da viagem Manuel estava prontíssimo para ir no seu avião até ao país que sempre sonhara conhecer.

E vocês gostavam de conhecer França?

Anexo 7 – Entrevista à Educadora**Entrevista à Educadora**

Que significado tem para si o livro para a infância face ao trabalho de uma educadora?

Educadora – O livro é uma maneira de transpor a vida das crianças para a realidade.

Nos livros as crianças identificam-se nas mais diversas histórias. Também pode ser uma maneira de imaginarem e criarem situações e vivências.

No seu entender o que pode proporcionar à criança o contacto com o livro de histórias?

Educadora - Criatividade, imaginação.

Pensar mais além do que o real.

Existe uma área definida na sala do jardim-de-infância, onde atualmente desempenha as suas funções de educadora, que se relacione com o livro? Porque? Como a organizou?

Educadora - Sim. Uma estante com livros, para as crianças lerem e outra com livros de histórias onde as crianças podem consultar de vez em quando os livros.

A cor e ilustração num livro de histórias para as crianças no seu entender são importantes?

Educadora - São porque esse é o meio sensorial pela qual as crianças chegam «, já que não conseguem ler.

Sente que as suas crianças estão motivadas para a literatura para a infância?

[☒] Concordo Completamente [☐] Concordo [☐] Nem concordo nem discordo [☐] Discordo [☐] Discordo Completamente.

Quais são os livros que, pela sua experiência profissional, as crianças mais gostam?

Educadora - Aderem bem a todo o tipo de histórias.